

LGBTQIA+: uma sigla que inclui a todos

Estado: Ceará (CE)

Etapa de Ensino: [Ensino Médio](#)

Modalidade: [Educação de Jovens e Adultos](#), [Educação Profissional Tecnológica](#)

Disciplina: [História](#), [Sociologia](#)

Formato: [Presencial](#)

+ João Eudes Alexandre de Sousa Júnior

Mestrando em Ensino de História pela Universidade Federal do Ceará, graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (2012). Com experiência na área de História, Cultura e Diversidade, com ênfase em Ludicidade e Ensino, principalmente nos temas: economia política, sociedade e cultura; arte-educação; educação histórica; negritude, branquitude e direitos humanos. Também desenvolve trabalhos artísticos em múltiplas linguagens. Atualmente ocupa o cargo de Professor Pleno pela Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará.

Objetivos

A proposta desta sequência didática tem por objetivo preencher lacunas presentes nos materiais didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), em especial, na disciplina de História, pois das 13 coleções aprovadas pelo PNLD 2018, apenas três propõem estruturar as aulas partido da realidade das/dos estudantes. O que se busca é desvelar o racismo estrutural, os pré-conceitos de gênero, debater a negritude, reconhecer os privilégios da branquitude, perceber o racismo e o patriarcalismo internalizado nos discursos e nas práticas cotidianas.

Durante as aulas se tenciona apoiar políticas educacionais afirmativas, ler autores negros, ler autoras negras, questionar a cultura que se consome, conhecer desejos e afetos, combater a violência racial, combater a violência sexual, compreender que todos se guiam por uma ideologia, estudar sobre políticas de exclusão e de inclusão, perceber lugares de fala, perceber quem perde e quem ganha quando uma orientação política de base excludente adquire o monopólio estatal da violência.

Buscando debater tais temas em sala de aula, seja presencial híbrido ou remoto, compreende-se, aqui, a meritocracia como um mal público mas não é único, pois questões como o feminicídio, a homofobia, a transfobia, o machismo, o genocídio negro e indígena no Brasil, apontam para uma carência da educação em direitos humanos, que só será corrigida quando a sociedade aprender que a maior lição de inclusão vem da sigla LGBTQIA+.

Conteúdo

- Pré-História e Revolução Neolítica
- Revolução Industrial
- Colonialismo e Neocolonialismo
- Trabalho e Migrações no Brasil
- Raça, gênero e regimes totalitários
- Racismo e etnocentrismo
- Branquitude e Negritude
- Patriarcalismo e homogeneidade
- Identidade e Diversidade
- Gênero e Afetividade
- Ações afirmativas e meritocracia
- Cidadania e Direitos Humanos

Metodologia

A metodologia consiste em uma sequência de aulas do conteúdo curricular, cujo o liame subjetivo não é focado prioritariamente na ótica do poder dominante. Procura-se, em cada conteúdo apresentado, contextualizar a História de cada tema sob uma lógica decolonial de desconstrução dos saberes buscando identificar descontinuidade e permanências de discursos reducionistas e preconceituosos dentro das narrativas que alicerçam o senso comum. Para tanto, lançando mãos de aulas construídas em dois momentos. Primeiramente apresentando os conteúdos, em seguida, lançando para as/os estudantes duas questões para serem respondidas em grupo: esse conteúdo serve para quê? Esse conteúdo também fala de você?

Recursos Necessários

Computador, projetor e caixas de som, materiais impressos com conteúdos, além de papel e caneta para tod@s (no caso de aula presencial). E, computador com acesso a internet (em caso de aula remota).

Duração Prevista

Seis encontros de 50min. Ou três encontros de 140min (aulas geminadas).

Processo Avaliativo

Produção de memes ou charges a partir dos conteúdos das aulas e, posteriormente, utilizar essa produção na composição de uma avaliação com questões de múltipla escolha. Para que as/os estudantes vejam na provas a própria produção a cerca do conhecimento. Em avaliações escolares o aspecto qualitativo ainda é associado, sobremaneira, com respostas dissertativas e o viés quantitativo a testes com questões de múltipla escolha. Entretanto, de que maneira seria possível avaliar esses conhecimentos a priori em provas objetivas? Ao escolher um item, em uma questão múltipla escolha, o estudante já não estaria mobilizando sua consciência histórica e expondo sua orientação? Não se trata de minimizar a importância de questões “abertas”, mas e quando essas questões ficam “em branco”? Será que o estudante não possui, especialmente no Ensino Médio, nenhum posicionamento sobre determinado assunto? Claro que uma questão não respondida também remete a outros problemas no contexto da educação, porém, se sobre o mesmo assunto fossem apresentadas alternativas? E, o que o simples ato de marcar um item pode revelar sobre as operações mentais e sobre a visão de mundo respondente?

Observações

O programa didático aqui propostos foi executado em 2019 em duas escolas públicas das rede Estadual do Ceará. E esse ano (2020) foi adaptado para o Ensino Remoto e aplicado com igual nível de viabilidade e participação.

Referências Bibliográficas

AMANTINO, Márcia; DEL PRIORE, Mary. História do corpo no Brasil. São Paulo: Unesp, 2011.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 - 144.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2018: história - guia de livros didáticos - Ensino Médio/ Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

DUARTE JR., João Francisco. Fundamentos Estéticos da Educação. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvan Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019,

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. Revista Educar, Curitiba, n.60, 2016, p.107-146

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Careiro; Pólen, 2019.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de; Carvalho, Edgar de Assis (Orgs.). Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

OECD. PISA 2018 Results: effective policies, successful Schools, Paris, v.5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/ca768d40-en>. Acesso em: out. 2020.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2004.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Tradução: Ana Maria Bessa. São Paulo: Martins Fontes, 1981.